

Histeria sem ao-menos-um¹

Angelina Harari

Abordar o tema da histeria a partir da doutrina do UM tem como antecedente o meu passe, muito embora não se trate aqui de seguir a lógica do testemunho, mas, sim, de seguirmos a lógica da histérica e do "aomenozum que ela exige"² e diferenciá-la da histérica sem "ao-menos-um", sem a amarração fálica.

Desenvolverei esse ponto do ensino de Lacan do *Seminário, livro 19*, discorrendo acerca das linhas de congruência no *Seminário 18*, em que ele introduz a função do *ao menos um*; assim como após o *Seminário 19*, nos *Seminários 23 e 24*, finalizando no texto "Considerações sobre a histeria"³, de 1977, que Éric Laurent⁴ cita em seu artigo preparatório para o ENAPOL.

São vários os elementos clínicos que realçam a política da neurose histérica vista a partir do UM: o "todo homem", o "todos", o "toda mulher" o "aomenozum", o "não toda de Um" até chegar ao "Outro para si mesma". Tais elementos foram extraídos do relatório do cartel do passe que me nomeou AE; do comentário ao relatório feito por Éric Laurent; do comentário de Jacques-Alain Miller sobre o relato do meu passe em duas oportunidades: no VII Congresso da AMP, Paris/2010 e nas Jornadas da ECF em Rennes/Primavera de 2010.

Da leitura clássica da histeria, podemos resgatar vários momentos em que Lacan discerne o que a histérica articula em matéria de bancar o *todohomem*, pois, nos diz Lacan, "ela é tão capaz de fazê-lo quanto o próprio *todohomem*, ou seja, pela imaginação". E acrescenta: "se porventura a relação sexual lhe interessar, será preciso que ela se interesse por esse elemento terceiro, o falo"⁵.

Desde Freud, o sintoma histérico é um sintoma que fala, que é portador de um sentido, que se fundamenta no amor ao pai.

Levado à doutrina do Um, poderíamos dizer que, no *Seminário 18*, Lacan propõe outra leitura da histeria? Marie-Hélène Brousse aponta aí a ressurreição da histérica, a nos conduzir a definir o falo como semblante e a aproximar o impossível da relação sexual⁶. Segundo Lacan, para a pergunta "o que é a histérica?", "a resposta do discurso do analista é *Vocês verão*, seguindo até onde ela nos conduzir"⁷. E o que resulta do tratamento é o abandono da enunciação "toda mulher" para chegar a advir como "uma" mulher⁸, uma vez que afirmar "toda mulher" é a "enunciação com que a histérica se decide como sujeito, e é por isso que uma mulher é solidária de um *naomaiskium* que propriamente a aloja na lógica (...)" . Se a neurose histérica é fazer consistir "A mulher", "toda sua política se direciona para o que chamo de ter ao menos um"⁹.

Éric Laurent, por sua vez, nos vem ao auxílio com outra preciosa referência de Lacan, a do *Seminário 23*, onde postula uma nova posição do falo, que corresponde ao lugar da falácia, um falo como semblante e que dá testemunho do real, que por se encontrar fora da metáfora paterna permite a Lacan, por este viés igualmente, retomar a histeria¹⁰. A diferença entre a concepção do falo, apresentada nos *Escritos* e a concepção do falo como fora da metáfora paterna, proposta no *Seminário 23*, introduz a histeria sem seu parceiro, sem o sentido, e afirma que "com a histeria é sempre dois, pelo menos desde Freud"¹¹. Éric Laurent, ao trazer esta referência, esclarece que a nova perspectiva é de uma histeria que se sustenta sozinha. Ele retoma as palavras de Lacan ao apontar que falta um elemento que foi acrescentado há algum tempo, a saber: como deve ser compreendida.

Essa histeria sem o dois, sem seu parceiro intérprete, é o que Lacan designa como histeria rígida. Uma histeria sem este interpretante, que é o Nome-do-Pai, é uma histeria que se mantém inteiramente sozinha. E explicita o termo rígido como advindo da cadeia borromeana rígida, embora não haja aí rigidez, apenas no sentido de que se mantém sozinha, unida, "um modo do sujeito em que não há necessidade de uma rodinha suplementar, o Nome-do-Pai"¹². Se a histeria não se compreende mais, então perdemos as balizas clássicas sobre o sintoma histérico portador de um sentido.

A mudança de rumo no ensino de Lacan, Miller a localiza no *Seminário 19*, pois considera que anteriormente Lacan havia dado o privilégio ao Outro¹³. Neste Seminário ele insiste no que separa S_1 de S_2 , deixando para trás o binário; a doutrina do Um recusa o binário, tornando-se valiosa a referência aos neoplatônicos; neste momento ele avança na questão do real na experiência analítica, que é o que o *Seminário 19* representa.

Nesse sentido, a histérica rígida estaria fora dos parâmetros do sintoma histérico cuja política se endereça, no dizer de Lacan, ao que ele chama de ter o ao menos um, fazendo consistir A Mulher. A outra leitura da histeria incide na direção do tratamento, que não visaria, assim, à perpetuação do "dois" com a histeria, ou seja, uma estagnação em torno do eterno sentido a dar ao seu sintoma.

Assim, entendo que, com a "histeria rígida", tratar-se-ia de uma perspectiva do discurso analítico no final de análise, como o abandono da enunciação do "toda mulher" citado anteriormente, escapando à "política da neurose que, apoiando-se nas possibilidades oferecidas pela tendência perversa do desejo masculino em fazer consistir 'A Mulher', visa a fazer consistir a posição de 'toda mulher' e serve, deste modo, ao 'todo homem'"¹⁴. Poder-se-ia, desta forma, chegar a esse "Outro para ela mesma"¹⁵, uma espécie de não-

todo que, em minha singularidade, se traduz por um “não-toda para o Um”.

Na conferência sobre a histeria de 1977, Lacan evoca a dificuldade de falar do real, dizendo que “implica a evacuação completa do sentido e, portanto, de nós como interpretante”¹⁶. No entanto, prescindir do analista não é prescindir da análise, uma vez que permanecemos analisantes.

¹ Este texto foi originalmente publicado em: GORSKI. G; FUENTES, M.J.(ORGS.) (2015) *Haum. Leituras do seminário ... ou pior de Jacques Lacan*. Salvador: EBP, PP.70-72.

² LACAN, J. (2009[1970-1971]). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 15.

³ IDEM. (dez. 2007[1977]). “Considerações sobre a histeria”. In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 50. São Paulo: Edições Eólia.

⁴ LAURENT, É. (2012). “Falar com seu sintoma, falar com seu corpo”. *Argumento do VI ENAPOL*, 2012. Disponível em: <<http://www.enapol.com/pt/template.php>>.

⁵ LACAN, J. (2009 [1970-1971]) *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., p.134.

⁶ BROUSSE, M.-H. (set. 2012). “Morte e ressurreição da histérica”. In: *Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, nº 71. São Paulo: EBP.

⁷ LACAN, J. (2009 [1970-1971]) *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., p. 158.

⁸ BROUSSE, M.-H. (set. 2012). “Morte e ressurreição da histérica”. Op. cit., p. 57.

⁹ LACAN, J. (2009 [1970-1971]) *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., p.145-146.

¹⁰ LAURENT, É. (2012). “Falar com seu sintoma, falar com seu corpo”. Op. cit., p. 12.

¹¹ LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 102.

¹² LAURENT, É. (2012). “Falar com seu sintoma, falar com seu corpo”. Op. cit.

¹³ MILLER, J.-A. in LACAN, J. (2012 [1971-1972]) *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., contracapa.

¹⁴ LAURENT, É. (set. 2011). “Reflexões sobre os relatórios dos cartéis do passe da ECF”. In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 60. São Paulo: Edições Eólia, p. 89.

¹⁵ LACAN, J. (1998[1960]). “Ideias diretivas para um congresso sobre a sexualidade feminina”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 741.

¹⁶ IDEM. (dez. 2007[1977]). "Considerações sobre a histeria". Op. cit., p. 21.